Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.18, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

ENTRE O SAGRADO E O HORROR: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA DO FILME *MIDSOMMAR*

"BETWEEN THE SACRED AND THE HORRIFIC: AN ANTHROPOLOGICAL READING OF THE FILM *MIDSOMMAR*"

Milena Moscardini Nabelice Guasti Lima
Universidade de Franca
E-mail: milenagl@me.com

Renato Daniel Lima da Silva
Graduando em Antropologia-Uniasselvi
E-mail: laismartins97@gmail.com

Lais Martins do Nascimento
Uni- Facef - Centro Universitário
E-mail: laismartins97@gmail.com

Recebido: 20/08/2025 – Aceito: 16/09/2025

Resumo

O artigo analisa o filme *Midsommar* (2019), de Ari Aster, sob a perspectiva da antropologia simbólica, investigando como os rituais da fictícia comunidade sueca Hårga dialogam com conceitos como mito, totemismo e coesão social. O objetivo central é interpretar as práticas culturais do grupo à luz de teorias clássicas da antropologia e psicanálise, especialmente dos trabalhos de Claude Lévi-Strauss, Émile Durkheim, Sigmund Freud e Clifford Geertz. A metodologia adotada é a análise fílmica qualitativa com abordagem hermenêutica, tratando o cinema como um texto simbólico. A pesquisa destaca o uso de rituais como encenação de mitos fundacionais e como mecanismos de organização da vida coletiva. A trajetória da protagonista Dani é lida como um rito de passagem que a transforma de forasteira emocionalmente instável em figura central integrada à coletividade. O estudo conclui que *Midsommar* dramatiza, de forma visual e narrativa, estruturas simbólicas que sustentam tanto sociedades arcaicas quanto nossas formas contemporâneas de pertencimento. O filme evidencia como a arte cinematográfica pode representar e questionar valores culturais, desafiando fronteiras entre racionalidade e afeto, tradição e modernidade. A análise revela o potencial do cinema para ilustrar visualmente conceitos antropológicos, ampliando o campo de reflexão da antropologia para além das etnografias convencionais.

Palavras-chave: Análise fílmica; Antropologia simbólica; Coesão social; Émile Durkheim; Totemismo.

Abstract

This article analyzes Ari Aster's Midsommar (2019) through the lens of symbolic anthropology, investigating how the rituals of the fictional Swedish community Hårga engage with concepts such as myth, totemism, and social cohesion. The central aim is to interpret the group's cultural practices in light of classical anthropological and psychoanalytic theories, particularly the works of Claude Lévi-Strauss, Émile Durkheim, Sigmund Freud, and Clifford Geertz. The methodology adopted is

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

qualitative film analysis with a hermeneutic approach, treating cinema as a symbolic text. The study highlights rituals both as enactments of foundational myths and as mechanisms of collective organization. The protagonist Dani's trajectory is read as a rite of passage that transforms her from an emotionally unstable outsider into an integrated central figure within the community. The analysis concludes that Midsommar dramatizes, both visually and narratively, symbolic structures that underpin not only archaic societies but also contemporary forms of belonging. The film demonstrates how cinematic art can represent and question cultural values, challenging boundaries between rationality and affect, tradition and modernity. Ultimately, the study reveals the potential of cinema to visually illustrate anthropological concepts, expanding the scope of anthropological reflection beyond conventional ethnographies.
Keywords: Film analysis; Symbolic anthropology; Social cohesion; Émile Durkheim; Totemism.

1. Introdução

O cinema, enquanto forma de arte e comunicação cultural, é um campo fértil para análises antropológicas. Filmes que exploram práticas rituais, sociedades alternativas e experiências coletivas são especialmente ricos em simbolismos que ecoam temas clássicos da antropologia. O longa-metragem Midsommar (2019), dirigido por Ari Aster, se destaca nesse cenário ao retratar uma comunidade fictícia, Hårga, situada na Suécia, que realiza um festival ancestral com ritos de fertilidade, sacrifício e pertencimento. A construção estética e narrativa do filme conduz o espectador a um mergulho em uma cosmologia radicalmente distinta dos valores ocidentais modernos, abrindo espaço para uma leitura que ultrapassa o horror e alcança o campo das representações culturais.

A pergunta que norteia este trabalho é: de que forma os rituais representados em Midsommar podem ser interpretados à luz de conceitos da antropologia, como mito, totemismo, liminaridade e coesão social? Para isso, a análise se apoia em autores clássicos da antropologia e da psicanálise, como Claude Lévi-Strauss, Émile Durkheim, Sigmund Freud e Clifford Geertz. Esses teóricos oferecem ferramentas para entender os ritos e mitos não apenas como elementos narrativos, mas como sistemas simbólicos que organizam o pensamento e o comportamento social.

O filme narra que, após uma perda traumática, Dani viaja com o namorado e amigos para uma aldeia sueca, onde participam de um festival que ocorre a cada 90 anos. O que começa como uma celebração pacífica se transforma em um

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

pesadelo, com rituais perturbadores, incluindo o suicídio ritual de anciãos. Conforme os visitantes desaparecem, Dani é conduzida a um papel central na comunidade, culminando em uma escolha cruel que marca sua ruptura com o passado.

Objetivos Gerais

O objetivo central deste artigo é interpretar os rituais, símbolos e práticas sociais da comunidade Hårga a partir de uma perspectiva antropológica comparativa. Procura-se evidenciar como a ficção cinematográfica se apoia em estruturas culturais arquetípicas para construir um universo coeso, mesmo que perturbador. Ao mesmo tempo, pretende-se analisar a trajetória da protagonista, Dani, como um rito de passagem que a conduz do luto e do desamparo ao reencontro com a coletividade, sugerindo que o horror em Midsommar pode ser lido também como uma metáfora da necessidade humana de pertencimento.

A justificativa para esta abordagem reside no potencial que o filme apresenta para ilustrar conceitos antropológicos de forma visual e simbólica. Midsommar não apenas representa uma cultura “outra”, mas nos força a confrontar nossos próprios pressupostos ocidentais sobre racionalidade, moralidade, afeto e comunidade. A análise acadêmica de produtos culturais como este contribui para uma reflexão crítica sobre as fronteiras entre o familiar e o estranho, o moderno e o arcaico, e amplia o campo de atuação da antropologia para além das etnografias tradicionais.

A metodologia utilizada será a análise fílmica de cunho qualitativo, com ênfase na descrição e interpretação dos elementos culturais presentes no filme. A abordagem será hermenêutica, partindo do entendimento de que o cinema pode ser lido como um texto simbólico que expressa e ao mesmo tempo questiona valores sociais. O diálogo com a teoria antropológica será feito a partir de trechos simbólicos do filme, como os rituais de morte, fertilidade e sacrifício, a construção de mitos visuais e o papel do coletivo. O objetivo não é comprovar a veracidade etnográfica do filme, mas compreender como ele mobiliza e representa estruturas simbólicas que dialogam com temas fundamentais da antropologia.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.18, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

2. Revisão da Literatura

Mito, Estrutura e Contradição:

A Linguagem Simbólica em Midsommar Claude Lévi-Strauss concebe o mito não como uma fábula ou narrativa isolada, mas como uma linguagem estruturada que atua cognitivamente sobre a realidade social. Em sua perspectiva estruturalista, o mito organiza as experiências humanas através de sistemas binários e serve para resolver contradições simbólicas inerentes à vida em sociedade (LÉVI-STRAUSS, 2008). No filme Midsommar, os rituais da comunidade de Hårga funcionam como mitos performáticos, materializando simbolicamente valores fundamentais da coletividade.

Para Lévi-Strauss (2008), "o mito pensa o mundo" (p. 227). Ele não é um simples reflexo da realidade, mas um instrumento que as sociedades utilizam para estruturar e tornar inteligível o caos da experiência humana. No caso de Hårga, cada ritual mostrado no festival de verão funciona como um episódio mitológico — da morte ritual dos anciãos à escolha da Rainha de Maio — compondo uma narrativa cíclica que organiza a relação do grupo com o tempo, com a natureza e com a vida coletiva.

Um dos mitos centrais expressos nos rituais de Midsommar é o da renovação cíclica da vida e da ordem social. Como em muitas sociedades tradicionais, o ciclo das estações é ritualizado para garantir fertilidade e continuidade. O suicídio cerimonial dos anciãos aos 72 anos se apresenta como parte de um mito fundacional em que a morte é integrada à vida como mecanismo de regeneração. Esse mito permite à comunidade de Hårga lidar com a contradição simbólica entre permanência e impermanência, transformando a morte em reinício.

Lévi-Strauss (1996) argumenta que o mito serve para mediar oposições fundamentais, como a dicotomia entre natureza e cultura. Em Midsommar, essa oposição é encenada constantemente: a comunidade vive integrada à natureza, mas segue um conjunto rigoroso de normas sociais. A natureza exuberante do

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

campo sueco contrasta com a artificialidade dos visitantes estrangeiros, representantes da cultura ocidental moderna. Essa tensão é simbolicamente resolvida pela absorção de Dani no grupo — uma fusão entre natureza e cultura representada na figura da Rainha de Maio.

Outro dualismo que perpassa a narrativa é o de vida e morte. As cenas de morte ritual não são apresentadas como violência bruta, mas como celebrações necessárias à harmonia cósmica. Para Lévi-Strauss (2008), os mitos existem para tornar tolerável e inteligível aquilo que é culturalmente intolerável, como o incesto, o assassinato ou a finitude da vida. O mito, ao dramatizar essas contradições, não as elimina, mas permite que sejam integradas ao imaginário coletivo de forma compreensível e aceitável.

A própria configuração do festival é mitológica: organizado em fases, com rituais iniciáticos, sacrifícios e eleição simbólica de uma figura central (Dani), o evento se assemelha às narrativas mitológicas de passagem e transição. Cada ritual corresponde a um momento do “ano simbólico” da comunidade, marcado não apenas por eventos astronômicos, mas por crenças sobre pureza, fertilidade, envelhecimento e pertencimento. Assim, a ordem simbólica da aldeia se reatualiza por meio do mito performado.

A personagem Dani é crucial para entender como o mito atua na resolução de contradições. Ela começa a história como figura deslocada, traumatizada e emocionalmente abandonada. Sua entrada gradual na lógica ritualística da comunidade representa uma transição arquetípica — da exclusão para a integração, do caos interior à ordem coletiva. Dani não apenas participa de um mito: ela torna-se parte dele. Sua coroação é o ponto culminante do processo de transformação simbólica, típico das narrativas míticas.

Segundo Lévi-Strauss(1996), a função do mito é pensar as relações entre os opostos estruturantes da experiência humana, como cru e cozido, vida e morte, selvagem e domesticado. Midsommar articula esses binarismos através de uma estética ambígua: o cenário bucólico esconde práticas rituais violentas; a coletividade harmoniosa está fundada sobre sacrifícios individuais; a tradição se apresenta como acolhimento, mas também como controle. O mito resolve essa ambiguidade ao dar sentido à dor e ao sacrifício como parte de uma totalidade

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.18, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

simbólica maior.

O contraste entre os estrangeiros e os habitantes de Hårga também reforça a oposição entre civilização e primitivismo.

> Para os americanos, segundo Schneider (2016), a ideia de parente se dá por uma dupla via de potencialidades: o sangue e/ou o casamento. Os parentes de sangue são aqueles que, se apropriando do campo científico da biogenética – definida como a área de conhecimento que fornece as verdades sobre o parentesco – compartilham material genético (pai, mãe, tios, primos, avós). Já os parentes por casamento (ou afinidade) são aqueles decorrentes de uma união por casamento, mas que não compartilham material genético (sogro, sogra, cunhado, genro, nora). Nesta dicotomia, a operação natureza e cultura opera explicitamente, tratando os parentes por afinidade como resultado do artifício cultural, da relação construída; ao passo que o parentesco consanguíneo é do reino do dado, não do escolhido, variando apenas os graus de distanciamento definidos pelo compartilhamento substancial, a partir de conhecimentos científicos. (MACHADO, 2020 P.218)

No entanto, o filme inverte as expectativas: a comunidade “primitiva” mostra-se mais coesa, estruturada e emocionalmente integrada do que os visitantes, marcados por alienação e individualismo. Essa inversão é um recurso mitológico que questiona as hierarquias culturais modernas, fazendo o espectador confrontar suas próprias contradições civilizatórias.

A mitologia de Hårga não é contada apenas por palavras, mas por atos, espaços e símbolos. Os murais, os cantos, as roupas e os gestos fazem parte de uma linguagem ritualística que traduz os mitos fundadores da aldeia. Como afirma Lévi-Strauss (2008), o mito opera como uma “linguagem transformada”, capaz de transmitir sentidos profundos por meio de estruturas narrativas e simbólicas que se repetem, com variações, ao longo do tempo (p. 215). Assim, o festival de verão é uma encenação do próprio sistema simbólico que sustenta a cultura local.

Midsommar, portanto, apresenta-se como um estudo antropológico dramatizado, no qual os mitos não são meras histórias, mas estruturas vivas que organizam e legitimam a existência coletiva. Através do olhar estruturalista de Lévi-Strauss (1996), podemos compreender os rituais do filme como formas simbólicas que solucionam tensões sociais e existenciais por meio de narrativas cíclicas, sacrifícios ritualizados e figuras arquetípicas. A aldeia de Hårga não existe fora do mito — ela é o mito em ação.

O cinema de Ari Aster, ao dar forma visual e narrativa a esses mitos

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

estruturantes, permite que o espectador moderno acesse um universo simbólico arcaico, mas ainda pulsante. Através da lente de Lévi-Strauss (1996), vemos que os mitos de Hårga não são vestígios do passado, mas linguagens vivas que continuam a estruturar, organizar e dar sentido ao mundo — tanto dentro quanto fora da tela.

A Cultura como Teia de Significados e os Rituais como Expressões Simbólicas

A cultura, segundo Clifford Geertz (2008), deve ser compreendida como um sistema simbólico complexo, onde os seres humanos constroem sentidos coletivos e individuais por meio de práticas e interações sociais. Ao utilizar a metáfora da "teia de significados", Geertz sugere que os indivíduos estão imersos em uma rede intricada de símbolos que estruturam sua percepção do mundo. Essa abordagem interpretativista rompe com visões essencialistas ou naturalizadas da cultura, propondo uma leitura mais sensível aos significados atribuídos pelos próprios sujeitos.

A teia cultural, conforme Geertz (2008), não é um elemento fixo ou uniforme, mas um conjunto dinâmico de símbolos e práticas que se inter-relacionam. Cada ação humana, mesmo a mais corriqueira, está imersa em um emaranhado de significados sociais. Assim, entender uma cultura implica mais do que observar comportamentos — é preciso interpretá-los à luz de seus contextos simbólicos e históricos. Essa perspectiva exige uma "descrição densa", ou seja, uma análise profunda e detalhada que desvele os sentidos ocultos nas ações cotidianas.

Dentro desse entendimento, os rituais se destacam como formas privilegiadas de expressão cultural. Eles funcionam como verdadeiras performances públicas nas quais os significados coletivos são dramatizados e reafirmados perante a comunidade. Em um ritual, os símbolos culturais são encenados de maneira intensa, concentrada e geralmente repetitiva, servindo para reforçar normas sociais, identidades coletivas e visões de mundo compartilhadas.

Os símbolos presentes nos rituais não são arbitrários: eles concentram

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.18, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

significados múltiplos que se entrelaçam na construção da identidade cultural de um grupo. Elementos como animais sagrados, flores, vestimentas ou posições hierárquicas ganham dimensões simbólicas que transcendem o objeto físico. Geertz (2008) argumenta que compreender esses símbolos é essencial para entender a estrutura de significados que sustenta a cultura de um povo.

Um exemplo contemporâneo e ficcional que ilustra com precisão essa perspectiva geertziana é o filme Midsommar (Ari Aster, 2019). Nele, uma comunidade sueca realiza um festival ancestral repleto de rituais simbólicos que revelam sua cosmovisão. O urso empalhado (no qual o personagem escolhido para o sacrifício é envolvido para ser sacrificado na cena final), por exemplo, representa tanto o "estranho" quanto o "sacrificável"; as coroas de flores remetem à pureza e à fertilidade; e a figura da Rainha de Maio encarna a integração plena de um indivíduo ao corpo social. Esses símbolos não existem isoladamente, mas ganham sentido no contexto ritualístico e coletivo, compondo a teia de significados que sustenta a cultura da comunidade retratada no filme.

O uso do urso como figura sacrificial no clímax do filme pode ser lido como uma metáfora da exclusão do "outro" em favor da manutenção da ordem simbólica interna da comunidade. Já a coroação da protagonista como Rainha de Maio marca sua transição de forasteira a integrante simbólica da coletividade. Essas cenas, intensamente ritualizadas, são exemplos de como os significados culturais são performados publicamente, carregando sentidos que só podem ser compreendidos por meio de uma abordagem interpretativa.

Geertz (2008) nos lembra de que “a cultura é pública porque o significado é”, ou seja, os significados culturais não estão apenas na mente dos indivíduos, mas são externalizados por meio de práticas, rituais, discursos e símbolos partilhados. A compreensão da cultura requer, portanto, uma investigação das formas pelas quais esses significados são construídos socialmente e atualizados continuamente. O filme Midsommar não apenas encena um conjunto de rituais exóticos, mas convida o espectador a decifrar as lógicas internas de um sistema simbólico distinto.

A noção de cultura como construção humana também implica reconhecer sua historicidade. Nenhuma prática ritual é completamente estática; ela é

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

constantemente adaptada, reinterpretada e ressignificada à luz de novas experiências e contextos sociais. Mesmo os rituais aparentemente tradicionais ou arcaicos passam por transformações ao longo do tempo, respondendo a tensões internas e externas.

A interconexão entre os símbolos é outro aspecto fundamental da teia cultural. Cada elemento simbólico adquire significação em relação a outros dentro do mesmo sistema. A flor, por exemplo, só adquire seu valor cultural no festival de Midsommar por estar ligada a outros símbolos como a fertilidade, a natureza e o ciclo da vida. A interpretação desses símbolos não pode ser feita isoladamente, pois eles operam em rede, reforçando mutuamente seus sentidos.

A teoria interpretativa de Clifford Geertz oferece um instrumental teórico potente para analisar tanto práticas culturais reais quanto representações ficcionais como as do filme Midsommar. A cultura, vista como uma teia de significados em constante reelaboração, se manifesta de forma vívida nos rituais e nas performances simbólicas de uma coletividade. Compreender essa dinâmica exige mais do que descrição superficial: é preciso mergulhar nos sentidos internos das ações, captando a lógica simbólica que sustenta cada gesto, cada símbolo e cada escolha cultural.

Totemismo, Tabu e Sacrifício: Freud e o Ritual em Midsommar

A obra Totem e Tabu (2012), de Sigmund Freud, propõe uma conexão entre os rituais primitivos, a repressão do desejo e a constituição da organização social. Segundo Freud (2012), o totemismo primitivo serve como sistema de leis morais e sociais, no qual o totem é tanto objeto de veneração quanto de proibição. Essa ambiguidade estrutura as relações afetivas e normativas no grupo. No filme Midsommar (2019), a comunidade de Hårga encarna esse tipo de organização simbólica, guiada por regras ancestrais e rituais que repetem, em chave moderna, os fundamentos do totemismo descrito por Freud.

Freud afirma que o totem é simultaneamente "o antepassado, o protetor e o objeto de culto" e "também objeto de temor e tabu" (FREUD, 2012, p. 115). Essa tensão é visível na forma como os membros de Hårga se relacionam com seus

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

símbolos e rituais: tudo gira em torno de uma ordem superior que dita normas de convivência e conduta. O festival retratado no filme, com sua ciclicidade ritualística e sacralização do tempo, funciona como um prolongamento da lógica totemista: cada gesto tem valor simbólico e coletivo, reforçando os laços sociais através da repetição e da obediência aos tabus.

> Se a proibição do incesto é constituída a partir de seu caráter negativo de restrição entre os "americanos", a necessidade contextual-relativa do incesto em Hårga possui caráter positivo, no sentido de produzir pessoas "livres" da névoa cognitiva, racional, permitindo uma construção relacional com as divindades, os não-humanos. A endogamia em Hårga é um recurso controlado na produção de oráculos, orientados pela não-racionalidade. (MACHADO, 2020 P.224)

Um dos momentos mais emblemáticos do filme é o ättestupa, quando os anciãos se sacrificam ao completarem 72 anos. A cena evoca o mecanismo sacrificial discutido por Freud, que via no sacrifício ritual uma "renovação simbólica do crime original" (FREUD, 2012, p. 171), referindo-se ao assassinato do pai primordial da horda. Em Hårga, a morte dos mais velhos é não apenas esperada, mas celebrada — seu sacrifício representa a perpetuação da ordem e a purificação da comunidade. O horror do espectador externo contrasta com a naturalidade dos locais, demonstrando a força do tabu internalizado.

No mito freudiano, a origem da sociedade está no assassinato do pai, que, morto pelos filhos, retorna como totem — uma figura sagrada e intocável. Para Freud (2012), o totem representa "o substituto do pai" e seu culto é "uma forma de penitência pelo crime coletivo" (p. 158). Em Midsommar, o sacrifício final de nove pessoas pode ser lido como uma reatualização dessa narrativa: o namorado de Dani é escolhido para morrer como bode expiatório, em um ritual que reafirma os laços comunitários. Tal ato, simbólico e real, realiza uma purgação dos desejos individuais que ameaçavam o coletivo.

O desejo, especialmente o desejo sexual, ocupa papel central na teoria freudiana. A repressão desses impulsos é o que permite a construção da cultura, segundo o autor. Como afirma Freud, "a renúncia aos impulsos instintivos constitui o alicerce da civilização" (FREUD, 2012, p. 102). Em Hårga, o desejo é canalizado por meio de rituais precisos e altamente controlados, como o ritual sexual observado por Dani. Nesse momento, o ato íntimo é transformado em celebração

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

pública, e o impulso sexual deixa de ser expressão individual para tornar-se componente funcional do grupo — um claro exemplo de sublimação.

Os tabus da aldeia operam como normas sagradas, cuja função é manter o equilíbrio entre desejo e proibição. A imitação coletiva do sofrimento dos sacrificados, uma das imagens mais impactantes do filme, revela a função social do tabu: dissolver o indivíduo na coletividade, diluir o sofrimento em uma experiência compartilhada. Para Freud (2012), o tabu "atua como uma proibição de origem religiosa que se impõe com autoridade absoluta, sem necessidade de justificação" (p. 40), exatamente como ocorre em Hårga.

A trajetória de Dani no filme é também uma jornada de reintegração simbólica. Inicialmente isolada emocionalmente, ela encontra em Hårga uma forma de pertencimento que a coloca dentro da lógica totemista. Sua coroação como Rainha de Maio a insere no centro simbólico do grupo, tornando-a guardiã e transmissora dos tabus e dos sacrifícios necessários à ordem. Ao escolher o sacrifício de Christian, ela não apenas expressa uma dor reprimida, mas reafirma a lógica do grupo, tornando-se agente da repressão e da renovação ritualística.

Midsommar, portanto, encena de forma cinematográfica os fundamentos de Totem e Tabu. O totemismo reaparece na centralidade dos rituais, o tabu se manifesta como controle do desejo e da morte, e o sacrifício funciona como mecanismo de purificação e reafirmação da ordem. Freud (2012) nos oferece um aparato conceitual para compreender como essas forças moldam não apenas sociedades arcaicas, mas estruturas simbólicas que ainda hoje nos influenciam — inclusive através da arte e do cinema.

O Sagrado e os Rituais como Fundamentos da Coesão Social: Uma Leitura Durkheimiana em Midsommar

A obra clássica de Émile Durkheim, "As Formas Elementares da Vida Religiosa" de 1912, apresenta a religião como um fenômeno social essencial para a coesão dos grupos humanos. Segundo ele, "a religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas" (DURKHEIM, 2000, p. 27), o que evidencia sua função agregadora. Para

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

Durkheim, o sagrado simboliza a própria sociedade, e a adoração religiosa, na verdade, é uma forma de reverência aos valores coletivos.

Assim, a religião não se reduz a um conjunto de crenças sobrenaturais, mas representa a própria estrutura simbólica que organiza a vida social. O sagrado, para Durkheim (2000), é tudo aquilo que o grupo separa do cotidiano e reveste de reverência coletiva. É essa separação entre o profano e o sagrado que estrutura os rituais e define os comportamentos aceitáveis e inaceitáveis dentro de uma coletividade.

Os rituais cumprem uma função essencial dentro dessa lógica: eles atualizam periodicamente os valores do grupo e reforçam os laços que unem os indivíduos. Durkheim afirma que “os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 2000, p. 28). Portanto, não são apenas cerimônias religiosas, mas práticas que estruturam a ordem social.

O filme Midsommar (2019), dirigido por Ari Aster, oferece um exemplo ficcional notável da teoria durkheimiana. A comunidade sueca de Hårga vive em torno de um sistema religioso que organiza todo o seu modo de vida. Cada gesto, símbolo e prática ritual reflete uma lógica sagrada que determina quem pertence ao grupo, como se comportar e como preservar sua continuidade.

Um dos momentos mais impactantes do filme é o ritual do ättestupa, no qual dois anciãos se lançam de um penhasco em um ato de morte cerimonial. Essa prática, embora chocante para os forasteiros, é compreendida pela comunidade como parte de seu ciclo vital e espiritual. Durkheim (2000) explica que “os ritos têm por objeto provocar, manter ou restaurar certos estados da alma” (p. 30), o que se evidencia na naturalidade com que os habitantes de Hårga encaram a cerimônia.

O sacrifício ritual reafirma os limites simbólicos entre quem partilha dos valores sagrados e quem os transgrida. Quando os visitantes expressam horror diante do ritual, tornam-se, para o grupo, ameaças à sua coesão. Como aponta Durkheim (2000), “o rito, mesmo quando negativo, tem por função principal conservar a separação entre o sagrado e o profano” (p. 33), protegendo, assim, a integridade do grupo.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

A lógica de inclusão e exclusão se evidencia também no destino dos personagens estrangeiros. Aqueles que não respeitam as normas rituais acabam eliminados ou sacrificados. Isso reforça a ideia de que os rituais não apenas unem, mas também regulam e controlam, definindo fronteiras morais. Para Durkheim, "a sociedade só se mantém unida enquanto os indivíduos sentem que participam da mesma realidade moral" (2000, p. 40).

A coroação de Dani como Rainha de Maio marca sua incorporação simbólica à comunidade. Por meio desse ritual, ela passa de observadora a participante ativa do sistema simbólico de Hårga. Esse processo expressa o que Durkheim descreve como "efervescência coletiva" — um estado de comunhão emocional que reforça a solidariedade (DURKHEIM, 2000, p. 312). Dani, então, experimenta uma nova forma de pertencimento, construída através do rito.

Esse pertencimento ritualizado permite que ela ressignifique sua própria dor e desorientação emocional, iniciando uma transformação pessoal. Como destaca Durkheim (2000), os rituais têm o poder de "renovar os sentimentos de pertença ao grupo" (p. 314), algo claramente visível na transição emocional da personagem ao longo da narrativa.

A organização espacial da comunidade, bem como a repetição dos rituais, também são elementos coerentes com a teoria durkheimiana. Os espaços cerimoniais são sagrados, cuidadosamente delimitados, e utilizados como palco para as performances coletivas. Conforme Durkheim observa, "as cerimônias são momentos privilegiados em que a consciência coletiva se reconstitui" (2000, p. 316).

Outro ponto relevante é a regularidade dos rituais. Mesmo que o festival de Midsommar ocorra a cada 90 anos, a estrutura religiosa da aldeia inclui práticas cotidianas e sazonais que mantêm viva a sacralidade da vida social. Essa periodicidade ritual é fundamental para o fortalecimento da identidade coletiva. Durkheim (2000) aponta que "é pela repetição que a força moral da sociedade se imprime no indivíduo" (p. 318).

Os elementos simbólicos utilizados nos rituais — como o urso empalhado, as vestes brancas e as coroas de flores — são significantes culturais carregados de valor sagrado. Durkheim afirma que "os símbolos religiosos são antes de tudo

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

símbolos sociais" (2000, p. 234), pois condensam os valores do grupo em imagens tangíveis e compartilhadas.

A punição dos que desrespeitam os ritos também ilustra a função disciplinadora da religião. Ao sacrificar aqueles que violam suas normas, a comunidade reforça sua coesão por meio do medo e da exemplificação. Como destaca Durkheim (2000), "toda violação do sagrado é considerada uma ameaça à sociedade" (p. 331), e, portanto, exige sanção.

O desfecho do filme, com a queima ritual de corpos (inclusive do namorado de Dani), sela o ciclo simbólico da comunidade. A cerimônia final não é apenas um ato de purificação, mas uma renovação da ordem coletiva. Durkheim (2000) observa que "os sacrifícios são formas de regeneração social" (p. 295), o que se confirma no ato coletivo que conclui o festival. Em suma, Midsommar ilustra, de forma ficcional, muitos dos princípios fundamentais da sociologia da religião de Durkheim. Os rituais apresentados no filme são mecanismos de coesão, controle, identidade e regeneração social. A religião, enquanto prática coletiva centrada no sagrado, organiza o pertencimento e regula a vida do grupo, revelando sua função social essencial, conforme defendido por Durkheim em sua análise clássica.

3. Considerações Finais

O filme Midsommar revela-se um poderoso objeto de análise antropológica, ao representar, de forma ficcional, uma comunidade cuja vida social é inteiramente estruturada por rituais e símbolos. Através de sua estética e narrativa, o longa-metragem propõe uma imersão em um universo simbólico radicalmente distinto, que coloca em xeque os valores e pressupostos do mundo ocidental contemporâneo. Tal proposta permite ao espectador não apenas contemplar o "estranho", mas repensar o "familiar" a partir de novas lentes interpretativas.

A análise realizada ao longo deste trabalho demonstrou como os conceitos clássicos da antropologia e da psicanálise — mito, totemismo, liminaridade, tabu, sacrifício e coesão social — encontram expressão simbólica e visual na obra de Ari Aster. Os autores abordados, como Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

Sigmund Freud e Émile Durkheim, ofereceram arcabouço teórico consistente para compreender os elementos culturais presentes na narrativa, evidenciando o potencial do cinema como forma de representação e questionamento da experiência humana coletiva.

A trajetória de Dani, personagem central do filme, foi interpretada como um rito de passagem, marcado por perda, dor, transformação e integração simbólica a um novo grupo. Sua ascensão ao papel de Rainha de Maio pode ser lida como metáfora de uma busca profunda por pertencimento, tema universal que atravessa culturas e histórias. O horror em Midsommar, portanto, não está apenas nas práticas rituais chocantes, mas na revelação da fragilidade das identidades ocidentais frente à experiência do coletivo.

O universo ritualístico de Hårga, embora fictício, mobiliza elementos simbólicos recorrentes em sociedades reais. A sua lógica interna, por mais perturbadora que possa parecer, é coesa, estruturada e sustentada por valores compartilhados. Essa representação nos obriga a confrontar os próprios fundamentos das nossas sociedades, especialmente no que tange à maneira como lidamos com a morte, a dor, a autoridade e a necessidade de vínculos comunitários.

Ao articular teoria e narrativa cinematográfica, o presente trabalho também contribui para o fortalecimento do diálogo entre antropologia e arte. A análise de produtos culturais como filmes amplia o escopo da reflexão antropológica, permitindo que temas clássicos sejam revisitados sob novas formas. A linguagem simbólica do cinema, com sua potência imagética e afetiva, oferece ao campo antropológico possibilidades interpretativas que vão além da etnografia tradicional.

Dessa forma, Midsommar não é apenas uma ficção de horror: é também um convite à reflexão sobre os modos pelos quais o humano constrói sentido, regula o comportamento e organiza a vida em sociedade. Seus rituais encenam, de maneira intensificada, dilemas que são, em última instância, universais. A violência, a exclusão, o pertencimento e a renovação são temas centrais não apenas na tela, mas também nas dinâmicas sociais reais.

Por fim, a abordagem proposta reafirma a relevância da antropologia simbólica na leitura de fenômenos culturais contemporâneos. Ao interpretar

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

Midsommar como uma dramatização de estruturas simbólicas fundamentais, este trabalho mostrou como o cinema pode ser um instrumento privilegiado para a compreensão dos mecanismos que sustentam a cultura, revelando que, mesmo em contextos ficcionais e extremos, seguimos operando sob os signos do mito, do rito e do sagrado.

Referências

Filmografia

MIDSOMMAR. Direção de Ari Aster. Estados Unidos / Suécia. A24; Parts & Labor; B-Reel Films. 2019

COLLIS, Clark. **Midsommar: how much of the horror movie is based on a real Swedish festival?**. Screen Rant, [s.l.], 14 jul. 2019. Disponível em: https://screenrant.com/midsommar-movie-true-story-real-life-swedish-festival/. Acesso em: 27 jun. 2025.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FILMOW. Midsommar: **O Mal Não Espera a Noite** – Ficha técnica. Filmow, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: https://filmow.com/midsommar-o-mal-nao-espera-a-noite-t255653/ficha-tecnica/. Acesso em: 27 jun. 2025.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/67041w53

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MACHADO, Rafael Siqueira; BOVE, Adrielle Luchi Coutinho. **Entre cinema e antropologia: parentesco e animismo em Midsommar, de Ari Aster**. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 32, p. 215–236, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30202. Acesso em: 27 jun. 2025.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.